

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.
Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

A África como referência para o Cristianismo

Resenha elaborada por Marco Antonio Fontes de Sá¹

ODEN, Thomas C. *Quão africano é o Cristianismo*. São Paulo: Editora Quitanda, 2022.

Thomas C. Oden (1931-2016) foi um teólogo metodista americano, autor de dezenas de livros sobre Teologia Cristã, dos quais *Quão Africano é o Cristianismo* é um dos seis² traduzidos para o português. Ele certamente tinha um público-alvo.

A tradução do título para o português, *Quão Africano é o Cristianismo*, ainda que traga uma apresentação objetiva de seu conteúdo, tem menos informação do que o original em inglês, *How Africa Shaped the Christian Mind: Rediscovering the African Seedbed of Western Christianity* (Como a África moldou a mente cristã: Redescobrimo a semente africana do cristianismo ocidental), publicado em 2007.

No original, o subtítulo esclarece e sintetiza a proposta de Oden: mostrar como o Cristianismo que chegou na Europa tinha sido, séculos antes, elaborado e lapidado pelo

¹ *Doutor e mestre em Ciência da religião pela PUC/SP.* <https://orcid.org/0000-0003-0251-1704>. maf.sa@terra.com.br

² *O Poder da Graça* e um conjunto de outros 4 livros intitulados: *Os ensinamentos de John Wesley*, precursor da Igreja Metodista são os outros títulos traduzidos que estão disponíveis na internet.

pensamento africano em cidades como Hipona, Cartago e Alexandria. Ainda que estas cidades fossem parte do Império Romano durante os primeiros cinco séculos da nossa era, o Ethos que fortaleceu a base do Cristianismo era africano.

A edição em português, traduzida por Samuel Lima, impressa em papel Polen soft, amarelo claro que, segundo a editora, é mais confortável para a leitura, capa dura com uma belíssima ilustração de Caio D’Art Desing, começa com cinco apresentações informais, feitas por 5 pessoas, brasileiras: 2 teólogos, uma teóloga, uma jornalista e um pastor, todos ligados a Igrejas Protestantes. Segue uma apresentação “oficial” de Paulo Cruz, professor de filosofia e mestre em Ciência da Religião. Todos esses 6 textos (curtos) ressaltam a importância da pesquisa de Oden e a quebra do paradigma de que o Cristianismo se fortaleceu na Europa.

Na introdução, ilustrada com mapas e gráficos, o autor esclarece seu projeto de pesquisa e mostra, de forma condensada, como a África foi fundamental na formação do pensamento cristão, ressaltando a importância de entendê-la como um continente com semelhanças e diferenças.

O gênero de “religiões tradicionais africanas” às vezes tem sido definido de modo tão estreito que acaba ignorando as grandes tradições escritas como se elas não fossem verdadeiramente africanas, e como se não fossem muito parte da “tradição africana.” O triste resultado é que, às vezes, supõe-se erroneamente que a religião africana não tenha textos escritos. Essa premissa é um erro enorme, e mesmo assim é tida, por muitos como um fato incontestável (p. 29)

O livro tem 9 capítulos que estão divididos em duas partes. Nos cinco capítulos da primeira, intitulada “O berço Africano do Cristianismo Ocidental”, Oden nos convida a buscar as origens Africanas do Cristianismo e resalta que sua história no norte da África tem sido ignorada e negligenciada até mesmo propositalmente, por questões de preconceito e falta de interesse. Sítios arqueológicos cristãos do Egito têm sido esquecidos em favor de um passado faraônico. Antigos locais cristãos onde a peregrinação e a pesquisa é possível, como as cidade de Cartago, Hipona, Cartum e no antigo Cairo, não são visitados como mereceriam, mantendo “*séculos iniciais da história cristã enterrada sob a areia*”. (p. 43)

Oden prossegue evidenciando como a Biblioteca de Alexandria serviu de modelo para as universidades de toda a Europa e, citando personagens como Basílio, o Grande, Orígenes Dídimo e Agostinho, todos africanos, mostra como a exegese dos textos bíblicos que se espalharia pela Europa foi iniciada na África durante os primeiros cinco séculos da nossa era, lembrando ainda que, bem antes disso, as primeiras versões em grego das escrituras hebraicas, como a septuagina, eram africanas e que, já nos primeiros três séculos da nossa era, cristãos da

África estudaram com “*precisão filológica*” (p. 49), a relação entre o Antigo e o Novo Testamento. O autor lembra que foi na África que o atual cânone das escrituras cristãs foi definido no século IV.

Oden nos informa ainda o caráter ecumênico das diversas Igrejas cristãs existentes em Cartago, Alexandria, Hipona e Milevo e como, a partir das lideranças dessas Igrejas, a África se tornou “*a primeira região a estabelecer o padrão e o método para se buscar um consenso ecumênico mais amplo sobre os pontos contestados da interpretação das escrituras*” (p.52).

As Igrejas africanas, especialmente no Vale do Madjerda, sob a liderança de Cipriano, desenvolveram protocolos e procedimentos altamente sofisticados para em conjunto escolherem líderes cristãos em concílios para chegar a acordos sobre questões conflituosas (p.52)

Ele nos conta ainda como o ideal da vida monástica surgiu em Tebas, no coração do Nilo, e se espalhou por Numídia, Líbia e Bizacena, antes de ir para a Europa, onde monges se estabeleceram durante os séculos VII, VIII e IX, fugindo das invasões vândalas e árabes.

Oden aponta a Irlanda como um inesperado local de estabelecimento de um Cristianismo monástico com inspiração africana como base do pensamento cristão que depois se espalhou pela Europa para então retornar à África, num ciclo de mil anos, e já irreconhecível como africano por causa das mutações sofridas na Europa.

O texto discorda e rebate a ideia de que personagens desse Cristianismo africano original, como Agostinho de Hipona, Cipriano e Tertuliano, eram, de fato, europeus nascidos na África, afirmando que “*o fato de que havia africanos de fala grega não os tornou menos africanos*” (p.66), mencionando inclusive a cor da pele como mais um fator da identidade africana desses personagens e sublinhando que toda essa distorção foi causada por preconceitos cristãos contra a África que surgiram a partir do século XIX.

Como teólogo, Thomas C. Oden lembra que, ainda que não se possa considerar a África como única fonte da emergência do Cristianismo, uma vez que o pensamento africano cristão é fruto de uma verdade universal, descartar os escritos africanos sob a alegação de que eles não são realmente africanos, tende a se tornar uma atitude racista.

Ele ressalta que preconceitos internos no continente também dificultam a aceitação da África como uma das origens mais importantes do Cristianismo no mundo, ressaltando que, assim como há resistência por parte do Egito em ser visto como África³, também há

³ Lembro que, em meados do ano passado, um ex-ministro do Egito processou a Netflix por ter colocado uma mulher negra no papel de Cleópatra, em uma de suas séries.

ressentimentos de outros povos africanos em relação ao Egito por conta de um longo período de escravidão desses povos, exercido pelo país das pirâmides e dos faraós (p. 80). O autor esclarece que sua obra também pretende diminuir conceitualmente essas diferenças.

Na segunda parte, intitulada *Recuperação da Ortodoxia Africana*, Thomas C. Oden nos orienta numa proposta de hermenêutica a partir das origens descritas na primeira parte. Propõe e sugere formas para, numa evidente descolonização do pensamento, retomar o sentido original do Cristianismo Africano, ecumênico e conciliador. É a parte mais teológica. Nela se percebe que a revalorização do Cristianismo Africano é também, para Oden, uma sutil ferramenta para uma evangelização. Moral, graça e fé são palavras que aparecem com mais frequência. Ainda assim, os dados históricos também estão bastante presentes e essa parte do livro não deve ser desprezada, mesmo pelos leitores que não têm interesse em teologia.

Num trecho intitulado *Será o pensamento cristão clássico definido pelo poder?*, Oden se assume, de fato, como teólogo americano ao dizer que para o Marxismo quem quer que tenha o poder econômico tem também o poder de definir o que é verdade. Para desqualificar esse argumento, que ele considera “não examinado e nada crítico”, apresenta a história do martírio africano, explicando que o sacrifício dos mártires não foi por causa da busca de poder e riqueza, e sim por serem eles “*testemunhas do poder da verdade da revelação de Deus*” (p.110) e, portanto, por causa de uma verdade que não vinha dos poderes e valores mundanos. O autor se esquece de que na época desses mártires não havia o capitalismo americano frequentemente saturado de valores Calvinistas/Presbiterianos e, justamente por ser a religião de quem tinha o poder, o Cristianismo americano apagou pela força todos os traços da cultura dos africanos que vieram para os Estados Unidos como escravos.

Oden prossegue, apresentando a luta desses primeiros mártires africanos como contracultural, enfrentando um “*poder político avassalador*” (p.111) e que foi nesse período de perseguição e martírio que a ortodoxia africana foi refinada e “*deu origem a doutrinas duradouras sobre criação, providência, pecado expiação, ressurreição e igreja*” (p.112). O autor relembra o Êxodo como um evento africano, e o explica e comenta com argumentos de caráter teológico a partir do pensamento e da teologia africana.

Lembra ainda que, de todos os pensadores cristãos africanos, somente Agostinho de Hipona tem destaque, enquanto outros nomes, também importantes, tais como Cipriano, Atanásio, Optato e Cirilo, são raramente citados pelos pesquisadores americanos chamados de neo-ortodoxos. Ainda que, nesse caso, sua crítica seja dirigida a nomes Protestantes, cabe aqui mencionar que a Igreja Católica também faz pouca ou nenhuma menção à origem africana desses pensadores, mesmo Agostinho de Hipona, quando eventualmente os menciona.

Num trecho teologicamente interessante dessa segunda parte, Oden ressalta que, entre os benefícios do aprendizado do Cristianismo antigo, está a coragem para encarar tarefas complexas, a redução da ansiedade e o consolo que vem da consciência de que o sofrimento pode ser superado pela esperança (p.123). O autor acrescenta que, baseados nesses valores e em experiência que outras nações do mundo não tiveram, os cristãos africanos mantiveram uma relação pacífica com o Islã e propõe que esta experiência acumulada, de 1.300 anos, continue sendo pesquisada e usada nas relações atuais com o Islamismo. Todavia, Oden adverte para os riscos dessa pesquisa, dependendo do lugar e da origem de quem as faz, lembrando que tanto cristãos como muçulmanos correm, às vezes, risco de morte por serem consideradas como heresias.

A segunda parte termina reforçando a proposta para que novas pesquisas sejam feitas a partir desses dados já coletados e apresentados no livro. Sugere técnicas, métodos e epistemologias para a continuidade do processo de pesquisa como, por exemplo, o estudo das principais línguas desse Cristianismo do primeiro milênio, árabe, copta, grego e latim, assim como das tradicionais línguas africanas atuais, como o hauçá, o zulu e o swahili, das línguas Bantu e da possível relação histórica entre todas essas línguas.

O livro traz ainda um apêndice intitulado *Os desafios da pesquisa africana*, que também poderia ser uma introdução. Nele, Oden resume sua obra, falando de seus objetivos, do escopo do texto e instituições de pesquisa ligados a temas semelhantes, propondo, mais uma vez, instrumentos para a pesquisa e ressaltando a importância da sua continuidade. A última parte do livro é uma *Cronologia Literária do Cristianismo na África do Primeiro Milênio*, que em 35 páginas traça a história do Cristianismo através de seus principais eventos, desde o nascimento de Jesus até o ano de 1021.

Oden nasceu num país que apagou totalmente a maioria dos valores da cultura africana trazida com os escravizados, fazendo até desaparecer o tambor, um dos símbolos materiais mais importantes da espiritualidade africana. Assim, sua pesquisa sobre as relações primárias do Cristianismo com a África é algo que assume um caráter duplamente importante. É um resgate e, de certa forma, uma reparação. Ele ressalta a importância histórica da relação dos africanos com sua ancestralidade e de como essa relação marcou o cristianismo africano. Sugere que o conhecimento desse Cristianismo primitivo, do norte da África, pode ajudar aos atuais cristãos africanos subsarianos a entender melhor suas origens cristãs.

Entre as principais funções das teologias, particularmente as cristãs, estão o fortalecimento da fé e a conversão de pessoas. Por isso elas têm, geralmente, um caráter mais ou menos apologético dependendo do Cristianismo que representam. Assim, ao ser a pesquisa

p. 533

de um teólogo cristão, é de se esperar que no texto de Oden haja uma sutil e justificável apologia do Cristianismo como religião universal, bem como uma intenção de mostrar a importância da África como uma nação cristã. Essa apologia, sutil, aparece mais especificamente na segunda parte do livro. Entretanto, Oden não é pragmático (pelo menos nesse livro). Para os que se interessam por teologia, essa segunda parte apresenta discussões e conceitos interessantes e eventualmente polêmicos, como no caso de sua visão do Marxismo, mas os aspectos históricos não são desprezados e continuam embasando ou caminhando junto com o pensamento teológico.

Tendo tudo isso em mente, o trabalho de Oden se torna uma contribuição importante para uma ressignificação do Cristianismo, da África e para o conhecimento da relação histórica entre esse continente e essa religião, ainda que não se faça parte grupo de leitores “público alvo” de sua de sua extensa obra literária.

O livro também pode ser baixado em inglês, gratuitamente, no formato pdf, através do link: <https://africansdahistory.org/wp-content/uploads/2018/04/How-Africa-Shaped-the-Christian-Mind-by-Thomas-Oden.pdf>